



DIAS ÚTEIS

Catarina Botelho

Rua Anchieta, 31,
Lisboa, até 18 de Julho

EM RECENTES apresentações, foi possível distinguir na fotografia de Catarina Botelho uma relação culta com as imagens que transcendia o universo fotográfico e estabelecia pontes entre as suas imagens e a história da arte. A exposição "Dias Úteis", que ocupa três pisos de um prédio devoluto da Baixa, não significa nenhuma ruptura essencial com as coordenadas estabelecidas anteriormente, mas alarga o seu espectro. As 12 imagens que se estendem pelos vários andares mostram ambientes domésticos tocados simultaneamente por uma imobilidade e por uma familiaridade que se reforça pelas circunstâncias escolhidas: uma cama desfeita num quarto silencioso, uma rapariga a dormir, outra que lê, alguém que se seca com uma toalha depois do banho. Em seguida, há imagens que ressoam outras imagens e mesmo géneros: uma natureza-morta menos casual do que parece, um rapaz embrulhado num lençol como se de um sudário se tratasse e mesmo um simulacro de *pietà* com uma jovem mulher com uma criança ao colo. No sótão, definindo um verdadeiro reino de Morfeu, alinham-se sete imagens de camas com almofadas sob o título "Modo Funcionário de Viver". Em diferentes posições, as almofadas são, simultaneamente, vestígio de uma presença humana anterior e presen-

ça em si mesma, com uma densidade escultórica que é extremamente exemplar de como esta fotografia transporta sempre duas leituras possíveis: uma à superfície e outra que parece agarrada à roda do tempo. Como epílogo, mostra-se um pequeno caderno com um conjunto de auto-retratos ao espelho que geram um "Termo de Identidade e Residência", entre a nudez e a ocultação, como se o fotógrafo quisesse reverter o jogo da captura inerente ao acto de fotografar. Percorremos, de volta, os três andares, e o enigma adensa-se. Tudo aqui parece quotidiano e banal, demasiado universal para ser digno de nota; e, no entanto, a atmosfera revela-se demasiado homogénea e dirigida para ser casual. Não há uma ou mais narrativas para seguir, nem tão-pouco sabemos se estamos no território da ficção ou no da documentação de uma 'realidade' íntima. Na verdade, é quase irrelevante, porque o que realmente parece importar é a existência de uma certa atmosfera compacta, um silêncio não exactamente pesado, mas denso, que adiciona uma estranha gravidade sem motivo reconhecível às imagens. Catarina aproxima-se da imagem fotográfica com uma abordagem clássica, não no sentido de quem vai alimentar-se à história da fotografia, mas porque recupera fundamentos da representação ancestrais que são já estranhos e inquietam o nosso olhar contemporâneo. Talvez seja esse o potencial apelo destas imagens: o modo como contrariam a corrente veloz dos nossos dias e tomam o peso do tempo. **C.M.**



CATARINA BOTELHO,

"Sem título, Joana e Alice, 2008"